

Catullo da Paixão Cearense

BAM

867.91

C. 387

O SOL E A LUA

== COM PREFACIOS
dos Srs. Coronel Dr. Salles Filho,
Professor Dr. J. P. Porto-Carreiro
e Professor Georges Dumas da
Universidade de Paris ==

40524

BAM

867.91

C. 387





EM todas as literaturas existem dois tipos de poesia perfeitamente individuados: a poesia de cultura e a poesia espontânea ou da terra. Na poesia cultural refletem-se as tendencias universais; na poesia da terra, exprime-se o genio peculiar de cada povo e do seu proprio ambiente geográfico.

Temos tido grandes poetas de cultura, como ALVARES DE AZEVEDO e BILAC; mas em CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE encontramos o poeta da terra, caracterizando o Brasil na harmonia do seu poema, como já o fizera, na prosa, EUCLYDES DA CUNHA.

CATULLO é mesmo, sem favor nenhum, o notavel precursor dessa literatura regiona-

lista e, no ritmo do seu verso opulento, ha-de vibrar, para sempre, numa exuberancia verdadeiramente tropical, o incomparavel sentimento da terra brasileira. É isso que palpita em o "Sol e a Lua", grandiosa sintese de sua poesia e são os tesouros do ilustre bardo que ora se divulgam neste primoroso trabalho das oficinas gráficas da Imprensa Nacional.

SALLES FILHO.





A O espírito moderno, voltado para o pragmatismo da vida, a arte quasi repugna. A arte de hoje, quando não seja a arquitetura buscando apenas o conforto, revela a pressa de exprimir o sentimento, deixando à imaginação a tarefa quasi exclusiva de criar o conteúdo de imagens, ou traduz, como fruto da severa crise do pensamento, a pura e ingenua regressão às maneiras instantís, na garatuja informe no modelado, soez, na parolagem tartamuda, na solfa desarmonica e arrítmica...

Não basta, entretanto, à natureza humana o prazer que conduz diretamente o homem a assegurar a sua nutrição e a perpetuidade da espécie. O trabalho obscuro, subterraneo,

das evocações inconcientes, que tem as suas raizes na fantasia infantil, compele-nos a idealizações que, sem finalidade immediata e sem compreensão perfeita do seu trâmite, são verdadeira necessidade humana, para a descarga dessa energia inominada, desconhecida que desborda do individuo em fôrma, ritmo e harmonia, na reprodução das imagens vividas e sonhadas.

A verdadeira arte, que não obedece a cânones preestabelecidos, mas que segue as diretrizes dos impulsos humanos, não pode ser a copia fiel da natureza nem a reprodução exata das impressões infantís; retratando a natureza e os sentimentos primitivos, applica-lhes a maneira do adulto e rege-se por leis biológicas irresistiveis. Ao leitor, ao ouvinte, ao espectador, qualquer coisa íntima lhe diz o que é arte e o que é artifício; essa qualquer coisa íntima são-lhe os próprios complexos um dia recalcados e que encontram por fim, na expressão artística dos outros, a velha

imagem refreída que não pudera vir á tona do conciente. O reconhecimento da idéa é fonte de prazer; mas os sentimentos que, por desagradáveis houveram de ser fugidos e as impressões brutais da natureza que causaram angústia e pavor não hão de ser reproduzidos tais quais — ou não despertarão prazer, mas sim a angústia, o medo, o desagrado.

Conciliar essa renovação de impressões arcaicas com a idealização sonhada na própria infancia e tudo isso á maneira da mente adulta — eis a verdadeira tarefa da arte — simbolização de sentimentos ocultos, estilização do real da vida, não cópia e reprodução. A arte não diz o mundo tal qual é, mas qual quizeramos que fosse.

A poesia de Catullo da Paixão Cearense, impar em a nossa literatura, tem um sabor acre de primitivo, sob a casca de uma civilização que mal encobre o cerne sertanejo da alma do poeta. Ele pudera imitar apenas o violeiro rude do sertão ou das praias do Norte,

onde viveu menino; não lhe seria difícil; seria poesia falsificada, que nos daria um sentimento de ternura pela ingenuidade, dos temas pela pobreza da técnica, pela demasiada fidelidade das imagens naturais. O que a gente admira nesse folclore como em qualquer outra manifestação de arte primitiva é principalmente o contraste entre as imagens e a inópia da técnica: mais ou menos, o que acontece com os fenómenos da mente infantil: a revelação inesperada de recursos de lógica, o emprego insólito de expressões novas, mas tudo através de uma linguagem imperfeita e com a exteriorização de conceitos erróneos, por isso que colhidos da impressão direta dos sentidos. A arte primitiva é arte imperfeita, que nos delícia, em parte, porque nos leva às nossas próprias evocações infantís e, por outro lado, nos obriga ao trabalho mental de prótese, para completá-la até a idealização do perfeito.

— Esses trovadores sertanejos, que admi-

raveis poetas não seriam, se tivessem cultura! — eis o que nos acode à mente ou nos sai mesmo dos lábios. E no entanto, conduzidos à civilização — como nos desiludiriam eles! Buscariam escravizar-se aos cânones, teriam pudor da sua espontaneidade, abandonariam a viola pela pena, a ideologia pelo pragmatismo e seriam artistas banais ou cavadores práticos da vida.

A poesia de Catullo Cearense tem isto de singular: não é a arte pirmitiva, emperfeita, nem o seu PASTICHE, a sua contrafração; não é tampouco a arte erudita, de tardão e espada, a arte academica, ritual, dogmatica; não é a fuga para a arte louca, regressiva, perversa, das escolas modernas, accessiveis aos snobs, aos cabotinos e aos neuróticos. E' a conciliação do espírito primitivo do sertão brasileiro com a linguagem culta dos que podem, melhor do que o matuto, dar o verdadeiro valor á arte. Neste poema bem se pode sentir isto. O tema é velho: é desses a respeito dos quais pareceria

não ser possível dizer cousa nova. Catullo não foge ante essa dificuldade. A maneira sertaneja tem recursos que a gente civilisada esqueceu e desprezou; com esse material precioso de imagens ingenua, e possível fazer arte à altura da civilização, tal como dos detalhes da nossa flora e fauna é possível criar motivos brasileiros para o lar mais requintado de conforto moderno.

Catullo consegue-o. Mas, ao lado da sua poesia, está a ouvir-se o retintim do arame das violas, na sua cadencia marcada, firme, entre os floreios que brincam sob o choque leve dos dedos irrequietos. O sol do sertão: esse sol sempre presente, esse sol que fecunda e que mata, que amadura os frutos e bebe a água dos rios, que curte a pele do vaqueiro e o enrija para a luta vital e que esturrica o sólo abraçado e resséca e incendeia a messe do lavrador — esse sol aí está, onipresente e severo como um deus vingador, franco, sem tergiversações, sem véos, de nuvens, desabrido

e leal, como sertanejo. O luar do norte, indefinivel para quem o não tenha visto, num céu muito alto, de uma limpidez em que se vêem a olho nú um número de estrelas que outras regiões não conhecem — um luar grande, vasto, bom, que penetra o seio da floresta, que ameiga o contorno do casario rude, que transforma em colunatas de claustro os renques de coqueiros, que lava as serras com uma água de leite e que parece trazer do ceo o perfume que exalam os calices selvagens; um luar que, nas praias, parece tão grande como o oceano e a cuja luz diáfana perpassam ao longe, como azas espalmadas, as velas das jangadas... Esse luar aí está, santo e ingenuo, na plenitude da luz, misterioso na mudança dos quartos, na sua ausencia das noites negras, onde apenas o vento fresco denuncia, na sua musica ciciante e nos perfumes que carreia, a vida eterna da natureza.

Não é difícil perceber que as reminiscencias infantís de Catullo aqui estão, na arte

deste poema. Sente-se, em breve, que a viola serenou e os cantadores se calaram. Um trecho de poesia culta resôa no silencio. Inutil, porém, a tentativa: o matuto responde, na sua linguagem espontanea, versando os mesmos temas: e o "sertão em flor" desabrocha, então, em todo o viço da vegetação renascida à primeira chuva. O Brasil ingenuo, o Brasil inferior, que se não peja de se-lo mas que demonstra da sua própria energia é possível fazer o Brasil maior — surge-nos ante a vista. Não é a cópia européa ou norte-americana; não é o regresso ao primitivo nem o conformar-se com a civilização imperfeita. E' a mente do caboclo capaz de guiar um arado e de mover uma máquina. E' o espírito brasileiro, consciente de si mesmo.

Bem haja o poeta do Brasil!

Rio, março de 1934

J. P. PORTO-CARRERO.





AO LEITOR

Este livro tem, naturalmente, um pae, que sou eu, e, milagrosamente, um padrinho, que é o Dr. Salles Filho. Ordeno-lhe, desde já, que sempre lhe torne a bençã, pois, sem elle, o seu padrinho, — talvez morresse pagão. Ao meu nobre *compadre*, Dr. Salles Filho e ao professor Dr. Porto Carrero, que lhe dedicou outro magnifico prefacio — os meus cordiaes reconhecimentos.

As palavras do grande sabio Dr. Georges Dumas me foram offerecidas n'uma festa em casa do Dr. Silva Mello, festa em que se achava presente e em que recitei o final do "Flor da Noite", dos "Poemas Bravios", de onde nasceram estes dois poemas, que, segundo diz o Dr. Salles Filho, é a synthese de toda a minha obra poetica.

O autographo do Mestre está em mãos do Dr. Asterio de Campos, a quem o offereci.



Aproveitando o ensejo, quero dizer-vos que recitei pela primeira vez estes poemas no palacete do Dr. Leite Garcia no Alto da Bôa Vista, e a lembrança dessa noite me fez precedel-os do "scenario" que ides ler. O Dr. Leite Garcia, espirito scintillante e finissimo cavalheiro, convidou varios amigos para me ouvirem, e "escolheu" uma noite das mais sublimes que tenho admirado.

O auditorio era a essencia do que ha de mais bello, formoso e intellectual. Rodeado de senhoras e senhoritas, tendo ao meu lado uma orchestra de violões, regida por João Pernambuco, o principe dos violãonistas brasileiros, sob o firmamento pintalgado de estrellas, naquelle ambiente, marchetado de luzes multicores, irradiadas de todos os angulos do palacete, parecia-me estar n'um palacio de Fadas! Ao terminar o primeiro poema, recebendo prolongada salva de palmas, o Dr. Leite Garcia, depois de um fervoroso improviso aos meus versos, convidou uma senhorita para que executasse ao piano a sonata "Ao Luar" do immortal Beethoven, em homenagem á Lua e á Mulher. Apagaram-se, então, todas as luzes, toda a illuminação do palacete, para que só se visse a da Lua, que vinha nascendo. A musica do grande mestre foi ouvida e applaudida religiosamente, reaccendendo-se as luzes aos seus ultimos compassos.

Foi a vez de Pernambuco, que tocou ao violão um dos seus mais bellos *choros*, acompanhado brilhantemente pelo terno. Feito pequeno intervallo, comecei a recitar o segundo poema — Chico Azulão. Ao terminal-o com outra salva de palmas, a Exa. esposa do Dr. Leite Garcia, secundada pelo seu irmão, Dr. Virgilio de Oliveira Castilho, jurisconsulto, poeta, pianista e compositor, pediu-me que cantasse o "Luar do sertão", o que fiz, acompanhado por um còro de todos os presentes, tão sonoro e harmonioso, tão harmonioso e sonoro, que não posso deixar de manifestar o meu reconhecimento ao Dr. Leite Garcia, por me ter proporcionado uma noite de ineffavel e indelevel recordação.



DEDICATORIA



AOS SARGENTOS DO BRASIL

SARGENTOS da minha Pátria!

Eu vou contar-vos um caso,

Um caso surpreendente

De profunda sugestão.

Foi num dia, bem me lembro,

Dezenove de novembro,

Dia em que nós festejamos

Nosso bello Pavilhão.

Passeando numa floresta,

Dentro do matto virente,

Ouvi um canto imponente

De tão suave expressão,

Que me acordou na memoria

Outro cantico de gloria,
Que sempre que nós ouvimos,
O amor da Patria sentimos
Fremindo no coração.

Não! Não foi uma illusão!

Vi e ouvi, maravilhado,
Num arbusto alviçareiro,
Um Sabiá lisonjeiro,
Cantando a não poder mais!
E ao canto doce e fagueiro
Da sua garganta de ouro,
As outras aves, gorgendo,
Alegres, faziam côro
No meio dos mattagaes!

O arbusto, em que elle cantava,
Tinha as fructas amarellas,
E as flores alvas e bellas,
De uma essencia tão fagueira,

Tinha um perfume tão grato,
Que todos já pecebestes
Que estou fazendo o retrato
De uma linda laranjeira.

Pois bem, amigos Sargentos.

No meio dos seus *verdores*,
Entre o *amarello* das fructas
E entre a *brancura* das flores,
Sob o docel esplendente
Do ceo *azul*, matinal,
Nessa linda laranjeira,
Que era a imagem verdadeira
Da Bandeira Brasileira,
No meio do mattagal,
Um Sabiá victorioso,
Cheio de amor e civismo,
Num surto de patriotismo,
Cantava, alegre e orgulhoso,
O Hymno Nacional!!!

Sargentos de minha Patria!
Filhos de Osorio, Caxias,
Barroso, Tamandaré,
Bartholomeu de Gusmão,
Santos Dumont, palinuro
Divino da Aviação,
Pois que a nossa Patria Amada
Palpita, representada
Nesse bello Pavilhão,
Para um dia defendel-o,
Se a tanto fôr obrigado,
Me vereis ao vosso lado,
Rugindo, como um leão,
Ou, se melhor, na vanguarda,
Ná mão direita,— a espingarda,
Um livro, — na mão esquerda,
No cinturão,— uma espada,
A imagem de Jesus Christo
Em páo brasil modelada,

Pendente do coração,
Na luta accesa, luctando,
Enfrentando o adversario,
Como um soldado honorario,
Vosso amigo e vosso irmão.

Agora, na paz, Sargentos,
Com a Patria pacificada,
Como o passaro canôro
Da laranjeira enflorada,
O sabiá cidadão,
Estarei tambem convosco,
Não, fardado de soldado,
Mas de perneira e gibão,
Pisando o chão do terreiro,
Sambando de pé no chão,
Tangendo a viola magoada
E cantando uma toada,

Que esta é o Hymno Brasileiro
Do cantador, do violeiro,
Que é o sabiá seresteiro
Dos mattos do meu Sertão.

* * *

SCENARIO

Era noite. O Plenilunio clareava o terreiro de uma Fazenda, no sertão, onde um "cardume" de moças, moços, velhas e velhos se agitava na tumultuosa alegria de uma festa tradicional. Flautas, violas, cavaquinhos, harmônicas e violões gemiam sua queixa amorosa ao espirito da noite, que parecia ter sido convidada para o rumoroso festival. Achando-se presentes um poeta da cidade e um afamado cantador daquellas paragens, (quero dizer: — a Lyra e a Viola. . .) accedendo ao convite de todos os convivas para que saudassem o sol, que estivera esplendido naquelle dia, e á Lua, que vinha desabrochando n'uma das suas mais encantadoras aparições, depois de vibrante salva de palmas, em meio de profundo silencio, assim começou o poeta a sua oração.



SENHORES! O Sol é homem!

Symboliza a Omnipotencia
da sciencia e da energia.

A Lua é mulher, Senhores!

E sendo mulher, encanta!

Mas, sendo mulher, varia!

Varia, porque, em verdade,
o Sol, masculino e fecundo,

desde o principio do mundo,
não deixou de illuminal-o
com o facho do seu clarão!
A Lua, se tem vontade,
nos brinda com a claridade,
para depois, de maldade,
deixar-nos noites e noites
em completa escuridão!

A sciencia regista um facto
de profunda observação;—
a mulher, que é pirracenta,
não faz o mal por pirraça!
Faz o mal por devoção!
E se a Verdade não mente,
toda a Verdade se encerra
neste confronto evidente.

De manhã, heroicamente,
na crista daquela serra,
pontualmente, fatalmente,
vê-se o Sol apparecer.

E a Lua, com os seus caprichos,
que anda sempre com as estrellas
comadreando em cochichos,
não tem hora de nascer !

Finda a missão da jornada,
o Sol, á hora aprazada,
no esplendor da apotheose,
começa a descer a escada
do horizonte, em rosiclér !

A Lua, sempre aluada,
sempre e sempre irreflectida,
não tem hora de partida !

Segundo a sua nevrose,
vae-se embora, quando quer !

O Sol, sempre obediente
às ordens do Omnipotente,
nunca teve a ousadia
de andar pelo céu, de noite,
fazendo o papel de espia
de nocturnas bacchanaes !
Mas quem já não viu a Lua
deixar a noite, que é sua,
para andar no céu, de dia,
desrespeitando a harmonia
das proprias leis naturaes ? !
E porque ? Por ser curiosa,
ser vaidosa e nada mais ! !

O Sol, que é o Sol, sempre o mesmo,
na sévêra austeridade,
como o emblema da Verdade,
sempre é o mesmo na altivez !

A Lua, se é hoje inteira,
amanhã, vem por metade;
e, assim, vae escasseando,
vae mingando, vae mingando,
até sumir-se, de vez !

Por isto, o Sol desconfia
que, quando a Lua nos deixa,
sem nós sabermos porque,
vae vagar por outros mundos,
vae seduzir outro amante,
outro Sol, que elle não vê !

Se o Sol, na hora do eclipse,
aproveitando esse ensejo,
na Lua vae dar um beijo,
um ósculo de vulcão,
a Lua finge um desmaio,
vergonhosa, esconde o rosto,
faz tanta macaqueação,

que o Sol, que conhece a Lua,
sem dar signal de desgosto,
procura imitar a Lua,
e, sorrindo, continúa
sua peregrinação.

Pois assim mesmo, illudido,
reaccendendo o seu pharol,
o Sol, bem considerando,
continúa illuminando
a Lua, pois é sabido
que a luz da Lua é do Sol.

Quando a Lua, a Lua nova,
muito fininha e amarella,
surge, em nova apparição,
não nos parece a costella,
que Deus, quando Adão dormia,
tirou do corpo de Adão ? !
E porque, sendo tão bella,

sendo a mulher tão perfeita,
foi feita de uma costella,
quando podia ser feita
das fibras de um coração ? !

Pois se é costella do homem,
por esta mesma razão,
deve pertencer ao homem
por direito e gratidão !

E as manchas que tem no rosto ? !
A sciencia afirma umas coisas
que são provaveis. . . talvez !

Porem a Lua tem labias
para enganar a sciencia,
e aquellas manchas nos provam
que alguma cousa ella fez !

Uma lenda dos indigenas
nos diz, positivamente,

que a origem daquellas manchas
é uma historia *complicada*.
entre a Lua e um seu parente !

Porque a mulher, como a Lua,
com tantos adoradores,
tem coração leviano !!

E tanto assim, meus senhores,
que outra victima da Lua
é o velho Mar, soberano,
que vive no mesmo engano,
em noites de lua cheia,
como um doido, a esbravejar,
em suas ancias supremas
e em brancas espumaradas,
a derramar seus poemas
pelas areias prateadas
das praias enlugaradas,
que até parecem risadas

e gargalhadas da Lua,
que está se rindo do Mar !

Como é triste ouvir-se, á noite,
quando elle está concentrado,
o Mar gemendo, ajoelhado,
n'uma prece, a supplicar
que a Lua deixe as estrellas,
deixe o céu crivado de ouro,
e venha ver o thezouro
que lhe ha de ser offertado,
e que elle guarda encerrado
em tantas conchas de perolas,
que só Deus póde contar!

E' triste, sim, muito triste!

Mas inda é muito mais triste
ver-se o Monstro, acabrunhado,
depois de passar a noite,
contra a Lua revoltado,

morrendo á beira da praia,
sem um gemido, cansado!!

E antes que o Sol desponte
na fronte azul do horizonte,
ver-se a Lua se sumindo,
perfidamente sorrindo
de ver o Mar desmaiado!

A Lua é mulher, senhores,
e tudo está decifrado!

Porque é triste ver-se, á noite,
o Mar abraçando a Terra,
e a Terra beijando o Mar!

E' a maneira mais sublime
de um ao outro consolar!

O Mar pensando na Lua,
e a Terra, triste, pensando
no Sol, que só a illumina
por Deus assim o ordenar!

O Sol não gosta da Terra,
mas nós sabemos que a Terra
tem profundo amor solar!

A Terra também é rica!
E' dona de uma fortuna,
de uma herança fabulosa,
tão grande e tão portentosa,
que se ella fosse orgulhosa,
podia erguer sobre a terra
com tanta joia preciosa,
montanhas e mais montanhas!
Mas, singela, sem vaidade,
sem a escandalosidade
da Lua, com as suas manhas,
esconde a sua riqueza
nas suas proprias entranhas!
E' uma *modestia* orgulhosa,
que facilmente se explica:
não ostenta; se contenta

em saber que nós sabemos
que ella é rica, é muito rica!

A Terra é mulher... e basta!
E' preciosa! E' caprichosa!
E as bobices e tolices
da mulher, só Deus explica!

Mas o Sol, que adora a Lua,
é um philosopho exemplar!
Pois enquanto o Rei do dia
soffre com philosophia
as inconstancias da Lua,
caçoando dos dois amantes,
se rindo dos dois rivaes,
o Mar, em crises constantes,
em impetos delirantes,
já não vendo mais a Lua,
sentindo saudades della,
pensando não vel-a mais,

uiva, ruge e se encapella,
o proprio céu desafia,
e quem paga esses rompantes
da sua hyperesthesia,
somos nós, pobres mortaes!

O sol é homem! E' firme!
A lua é mulher! Varía!
Varía! E se ella morresse,
falta alguma nos faria!
Porem se o Sol fallecesse,
o mundo se extinguiria!
Sem a cabeça do homem,
a mulher não existia!

Agora vêde, Senhores,
como o poder do destino
faz os Genios deseguaes!

O Mar, gigantesco e bello,
vendo a Lua, o seu tormento,
em trismos de desalento,
transforma-se num Othelo!

E o Rio, calmo e silente,
reflecte, serenamente,
o firmamento e as estrellas
no seu leito nupcial,
reflectindo a propria Lua,
que nas aguas retratada,
parece uma outra Lua,
que elle adora, idealizada
na su'alma de crystal!

E a Lua, assim retratada,
por elle idealizada,
é mais formosa e saudosa
do que a Lua original!

E emquanto o Mar desespera,
rugindo, como uma féra,

o Rio, na doce calma,
vae levando dentro d'alma
a doce imagem da Lua,
pura, casta e virginal!

Outra victima da Lua:
— o Rio sentimental!

Eu vou dizer-vos uns versos
que o Mar recitou á Lua,
numa noite tão serena,
que até parece que a noite
silenciava, para ouvir!

O Monstro estava tão calmo,
que eu só ouvia os singl^htos
do velho Monstro, a carpir!

A Lua, no céu, de bruços,
ouvia aquelles soluços,
indifferente, a sorrir!!

ful

Eis aqui os bellos versos
que, muito pallidamente,
escrevendo sobre a areia,
eu pude reproduzir.

« O' Lua, que és tão linda e que és tão pura,
« pensas, talvez, que o Mar agigantado
« não póde ter no coração salgado
« um bocado de luar e de doçura ?!

« O amor que te consagro é tão intenso,
« que sempre, ó Lua, que no céu desmaias,
« eu pareço um thuribulo de incenso,
« incensando de espuma as alvas praias !

« Porque consentes, quando esta alma anseia
« por te beijar a bocca de jasmim,
« com a tua placidez de lua cheia,
« que as estrellas no céu riam de mim ?!

« Se enfrento todo o horror da tempestade,
« se adoro só a ti e a Liberdade,
« porque escarneces deste grande amor ?!
« Maldicta seja a tua claridade,
« se não és o luar da minha dor!

« Se te somes, meus ais são tão profundos,
« que eu imagino, em meu furor insano,
« que andas a divagar por outros mundos,
« beijando a fronte azul de outro oceano!

« Porque és fria e sou frio e tu me escaldas ?!
« Porque minha oração nunca te alcança ?!

{ « Porque é que eu tenho a cor das esmeraldas,
« e não tenho a illusão de uma esperança ?! }

« Quando espumejo o alvor das minhas maguas,
« não vês, quando na areia me debruço,
« que o sangue verde destas minhas aguas
« são preces verdes, que por ti soluço ?!

« Tu tens tanto poder, tanta magia,
« perfumando de luz a Terra inteira,
« que até meu acre odor de marezia,
« com teu cheiro de noiva, que inebria,
« jica cheirando a flor de laranjeira!

« Tu desprezas o Mar, que tanto te ama,
« e amas, talvez, o sol, que não te quer!
« Por teu amor, pela saudade tua,
« meu coração se agita e tumultúa,
« mas Deus, que fez o Mar e fez a Lua,
« não te deu coração, porque és mulher ! »

* * *

Mas deixemos o oceano,
o velho Mar, soberano,
pobre victima do Amor,
para falar-vos agora,
sem o rigor do analysta,
mas, sim, com alma de artista,
poeta, musico e cantor.



Neste ponto, o bardo interrompeu o curso da sua oração, porque a moça mais bella do divino cenaculo levantou-se e veio offerecer-lhe a flor que ornamentava o diadema dourado dos seus cabellos louros. Era a sua *Dulcinéa*, de quem não havia recebido ainda o mais leve signal de gratidão pelo amor que lhe devotava. Ia continuar, ironizando a Lua e a mulher, mas, com a bênçã daquella offerta, a sua alma illuminou-se como inundada por um luar interior! A Lua, que tinha nascido alvissima, mas que se velára um pouco desde que elle começou a recitar, rasgou, como por encanto, o véo de nuvens que a encobria, e a flauta e os violões choraram um dos seus choros mais chorosos, que era bem um hymno á offerta da flor, á resurreição do luar e á transformação do poeta.

Quando os instrumentos expiraram os ultimos suspiros do choro, o poeta, divinizado, n'um silencio ainda mais profundo, e mudando o rythmo do seu poema, assim recommçou a sua interrompida recitação, elogiando a Lua e a mulher.

SENHORES! O sol é homem!
E não ha forças que domem
seu poder maravilhoso!
Mas se o Sol, se o Sol glorioso,
se o Sol é um deus luminoso,
um cerebro em combustão,
a Lua, magnificente,
ha de ser, eternamente,
sempre e sempre, — um coração!

Pois se Deus, segundo a Biblia,
fez a mulher da costella
de um homem, por ser mortal,
fel-a assim para que o homem
a consagre no milagre,
no milagre de ter feito
do osso de uma costella
um coração divinal!

E se a Lua não consente
que o sol a beije no eclipse,

que fôra um beijo innocente,
se o sol não fosse mentir,
é porque sabe que o homem,
antes do beijo, é um carinho,
mas que, depois, é um espinho
que fêre e sabe pungir!

E, finalmente, Senhores,
falar das manchas da Lua
com maliciosa ironia,
é perfidia, é covardia!
Se os sabios dizem que a Lua
é um corpo morto, que, apenas,
o Sol com a luz alumia,
nada tenho com a sciencia,
porque eu não contemplo a Lua
com os olhos da astronomia!

Pois o Sol tambem tem manchas,
e se ellas fossem peccados,

das manchas que o Sol encobre
com os raios esbraseados,
muita coisa se diria! . . .

Mas se os sabios sabem tudo,
e querem que sejas muda,
muda e surda e cega e fria,
bemdicta sejas, ó Lua,
pois se és fria para os sabios,
para os poetas e os prophetas
tu és o Sol da Poesia!

Se o sol morre combatendo,
em sangue rubro fervendo,
no incendio de um fogaréu,
a Lua sempre fallece,
rezando, triste, uma prece,
e com saudades do céu!

E eu vos direi, como poeta,
que quando a Lua nos deixa,
quando ella desaparece,
rezando, triste, uma prece,
é porque vae, meus Senhores,
vae inspirar n'outros mundos
outros poetas superiores
aos deste mundo de atheus,
outros poetas mais poetas,
mais cultos, mais inspirados,
e muito mais adeantados,
que estão mais perto de Deus!

Bemdicta sejas, ó Lua,
porque me dás a illusão
de que sempre quando passas
juncto ao Cruzeiro do Sul,
tu te concentras e rezas
uma prece afervorada

por toda a estrella apagada
nesse Infinito do Azul!

Bemdicta, bemdicta sejas,
porque mesmo o cão, sem dono,
triste, enfermo, em abandono,
quando a miseria o consome
e a fome o faz delirar,
consola a miseria e a fome,
em uivos, a te saudar !

O sol, desde que alvorece,
como um clarim, clarinando,
vem chamando os luctadores
para o combate da vida,
porque viver é lutar !
A Lua, como uma lyra,
desde que vem despontando,
no altar da noite cantando,

vem acordando os cantores,
a legião dos sonhadores
para com ella sonhar !

Porque o Sol, o Sol, candente,
o Sol é um clarim fremente,
fazendo o mundo vibrar,
e a Lua é uma serenata
dos anjos e dos archanjos,
fazendo a Terra cantar !
Bemdicta sejas, ó Lua,
que já foste musicada
numa *Sonata Enluarada*,
pelo Genio de Beethoven,
o maior Genio dos Genios
que tu soubeste inspirar,
e, tambem, bemdicta sejas,
porque tu já me inspiraste

em outras noites mais gratas,
em saudosas serenatas,
que tambem eram sonatas
que eu te cantava ao Luar.

Desde o Nascente ao Poente,
a caminhar, solitario,
sem repouzar um momento,
subindo e depois descendo,
proseguindo o itinerario,
o Sol, o eterno operario,
vem varrendo o firmamento
das infindas amplidões,
pará, depois, vir a Lua,
rodeada de escravas de ouro,
ostentar todo o thezouro
das suas constellações !

Deus fez o Sol sabio e pobre,
porque ao Sol assim convem !
Mas a Lua, que é formosa,
e Deus já fez orgulhosa,
recebeu da Providencia
tanta joia luminosa,
que ella nem sabe o que tem!

Bemdicta sejas, ó Lua,
que as proprias feras encantas,
e sabes tudo encantar,
porque, como disse o poeta
numa trova consagrada,
até a onça traçoeira,
ao ver-te, fica pasmada,
e leva uma hora inteira,
assentada na clareira,
vendo a Lua, a meditar!

Se o Sol, com os raios cremantes,
é que fecunda os gigantes
dos arvoredos possantes
e os mattagaes enfolhados,
a Lua, que é jardineira,
é que floresce a roseira
dos corações namorados !

A Lua, que em seus mysterios,
desce dos ceos estrellados,
para andar nos cemiterios,
orando pelos finados,
regando, em lagrimas puras,
as *saudades* espontaneas
que brotam nas sepulturas
dos mortos abandonados !

Bemdicta sejas, ó Lua,
noiva eterna dos finados !

Noiva estrellada de goivos !
Noiva das noivas e noivos !
E noiva dos desgraçados !

O Sol, que emmurchece as folhas,
convertendo as folhas seccas
n'outras folhas remoçadas,
das plantas velhas, cansadas,
faz o estrume, as adubadas,
para injectar sangue novo,
sangue novo e seiva nova
na terra, que ja cansou !

A Lua é que vem, de noite,
como Irmã de Caridade,
com o seu oleo de piedade,
dar a extrema-uncção ás plantas,
que o Sol, de dia, queimou !

O Sol não chora ! Ao contrario,
sórve as lagrimas que a Lua

e és de toda a humanidade
a hostia confraternal!

Bemdicta sejas, o' Lua,
Alma da Alma Universal!

O Sol, o chimico eterno,
que todos nós respeitamos,
faz da Terra que habitamos
um grande laboratorio,
para a vida eternizar!

Mas basta que surja a Lua
e os cirios de ouro, estellares,
accenda nos seus altares,
onde começa a rezar,
para que logo transforme
o céu, — num zimborio enorme,
o espaço, — num templo augusto,
e a Terra, — num grande altar!

Bemdicta, bemdicta sejam,
Lua mimosa e faceira,
como a mulher brasileira,
sempre dengosa e gracil!

Bemdicta, bemdicta sejam,
Lua, flor da laranjeira,
da laranjeira florída,
que, florída e enfructecida,
ostenta todas as cores
da nossa linda Bandeira,
sempre formosa e gentil!

Bemdicta sejam, ó Lua,
abençoada *Flor da Noite*
das noites do meu Brasil!

* * *

SENHORES ! Nesta aliança
do Sonho e a Realidade,
o Sol é o Pae da Esperança,
e a Lua é a Mãe da Saudade!

Pois, se Deus, o Onnipotente,
creando a Lua dolente,
deu-lhe um coração que sente,
que soffre com os visionarios,
com os poetas solitarios,
irmãos gemeos de Jesus,
foi para a Lua, Senhores,
ser mãe dos nossos amores,
mãe das nossas velhas dores,
mãe da Dor, que a Deus conduz,
mãe das nossas amarguras,
e até das nossas loucuras,

que ella acalenta e amamenta
com o leite da sua luz!

Bemdicta sejas, ó Lua,
porque tu és a veronica
do Archanjo da Inspiração!

Bemdicta, bemdita sejas,
ó Lua santa, santissima,
misericordiosissima
Nossa Senhora da Noite,
do Sonho e da Solidão!

Bemdicta sejas, ó Lua,
que a todos os nossos crimes
dás a bênçãam do Perdão!

* * *

Deixemos que o Sol, vibrando,
viva, em sonhos, se abrasando
em seus perennes ardores!

Porque, em verdade, Senhores,
se o Sol se consorciasse
com a Lua, e se escravizasse
ao seu poder seductor,
a Lua perdia o encanto
de sua eterna poesia,
e o Sol, perdendo a energia,
talvez perdesse o calor!
E o Sol, perdendo o vigor,
o mundo se acabaria!!

Pois se o Sol é que irradia
a vida, a luz e a alegria,
a Lua, em sua nobreza,
a Lua, sendo a poesia,

é o coração da tristeza,
é a gloria da natureza,
é o Sol da melancolia!!

* * *

SENHORES ! Em conclusão!
Se o Sol symboliza a Sciencia,
e a Lua, — a Religião,
devemos sempre saudal-os,
ao Sol, com uma continencia,
e á Lua, com uma oração!

AGORA, Chico Azulão,
tempera a tua viola,
e, numa improvisação,
dize tudo o que tu pensas
do Sol, o amante da Lua,
e da Lua, o seu condão.

Tem a palavra o violeiro,
o cantador do sertão.

O ultimo verso do poeta foi saudado por uma "fusilaria" de palmas ! A orchestra das violas e violões rompeu na alleluia de um "choro" tão suggestivo que os proprios instrumentos pareciam applaudir o hymno angelico do bardo ! Houve até quem visse a imagem do Sol no Poente, saudando a Lua ! E a Lua, — o coração da Noite — parecia ter explodido n'um diluvio de flores, que eram as estrellas, scintillando no alto céu do sertão brasileiro !



SEU doutô! Eu lhe agaranto
que inté mêrmo o Só e a Lua
lhe dava toda rézão,
uvindo váíncê fazê
esta linda falação!

Na sua comparação,
váíncê diz que o Só é hôme
e hôme macho não trocêa!
E diz que a Lua é muié
e muié fême varêa!

Agora eu tombem lhe digo
que a Luà não tem juizo
e sendo irmã da muiê,
já tem de mêno uma veia!

O Só nunca andou de noite,
mas a Lua anda de dia!
Anda de dia e parece
que ella vem d'arguma orgia!...

Vasmincê disse que a Lua,
quando se osênta da gente,
vae atraz d'outro praneta!
Váíncê tá munto enganado!
Ella vae mas é pras farra!
Vae farriá cum os cometa!

Pru via disso ella vórta
ansim magrinha e tão feia,
pra hí de novo engordando,
inté ficá Lua cheia!

A Lua não tem rejume!

A Lua é muié! Varêa!

Eu não gosto de muxice,

nem falo da vida aleia!

Mas pruque ella vae fugindo,
quando engorda e fica cheia!! ?

Vasmincê creia ou não creia,

mas aquillo é malandrage,

e aquillo tem uma história

e uma história munto feia!

O Só tá sempe cum a gente,

tá sempe fixe e na hora!

A Lua, cumo praneta,

quando lhe dá na veneta,

bate o arco e dá o fóra!

E aquellas mancha da cara,

tombem tem a sua história!

Mas eu não lhe conto nada,
pruque eu não sou faladô!
Vamo assuntá n'outras coisa,
que é mais mió, sim, sinhô!

Pur inzembro: eu tenho visto
que o phenômico do icripe
é cumo váíncê contou.
A Lua vem, vem chegando!

Já tá pertinho!... Chegou!
Mas quando chega na hora
que a onça vae bebê agua,
gorogotó! Encrencou!
Ella dá um faniquito,
varêa, muda de cô,
e o Só fica c'uma cara
de quem viu e não porvou.

Mas o Só sabe que a Lua
cumo é fía de costella,

tombem podia sê fía
d'um jueio, uma canella.

E eu vou dizê uma coisa
que vasmincê se esqueceu:
— quando a Lua tá redonda,
parece a maçã da Eva,
que, cum perdão da palavra,
o bobo do Adão comeu!
E pru maió calamô,
Adão, que táva cum fome,
comeu a fruta e gostou.

Se não tivesse gostado,
os hôme não táva agora
pagando tantos pecado!

Mas a Lua é orguiosa,
é cabeçuda, é teimosa,
e sabe que é desejada!

A onça namora a Lua,
mas ella namora tudo,

pruque não gosta de nada!
Parece inté Madalena,
que ánte de vê Jesú Christo,
andava munto sestrosa,
cum a cabecinha virada!
Cumo ella é rica e xuntosa,
de tudo faz caçoadá.

Pruque é que a Lua caçôa,
do Má, cumo faz cum o Só ?!
E' pruque chêra a suó ?
Pruque tem gosto de sá ?
Mas não é farta de banho!
E' de munto trabaiá!

O Má é um cabra veiáco!
E' farso! E' máu! E' crué!
Mas não farta cum a palavra,
quando é hora da maré!

Póde o Má sê assassino!
Sê um Antonio Sirvino!

Pode sê um Lampeão!
Abasta que veja a Lua,
pra se vê que o cabra macho
tem arma e tem coração!
E o coração da muié,
Seu doutô, onde é que tá ?!
Iscute! Eu vou lhe ixpricá!
Váíncê tá vendo a lagôa
daquella baxa ? Aculá ?
Ôie pro fundo das agua,
que logo váíncê verá
a cara da sua cara
lá, no fundo, a_u lhe ispiá!
Fique lá o dia^z intêro,
que a cara não, sáe de lá!
Váíncê se rindo, ella ri!
Váíncê chorando, ella chora!
Mas se váíncê vae-se embora,
d'uma vez, pra não vortá,

a cara da sua cara
pra sempe se assumirá!

O que ella fez cum o sinhô,
que sabe lê, que é doutô,
faz, cum a mêmra catimbôa,
cum o premêro, que vinhé!

Apois aquella lagôa
é o coração da muié!

Vasmincê disse que o Rio
vae caminhando, contente,
quando leva dento delle,
a Lua, a sua paxão!
Mas o Rio é um bestaião!

Apois o Rio inguinóra
que ella tá fazendo fita,
fazendo delle um ispêio,
pra vê se ella tá bonita!

A Lua méxe cum tudo!
Méxe cum os doido, cum os louco,
méxe cum o tempo, cum as pranta,
cum as criancinha nascida,
cum as espinhela cahida
das muié, e eu não lhe minto,
se lhe dissé que inté mêrmo
ella méxe cum as gallinha,
quando tá tirando os pinto!!!

Inda que má lhe pergunte:
esse Bitôve, esse musgo,
que fez a musga pra ella,
seria mió que o Chico,
que só cantava nas corda
pra Mariquinha Pinguélla,
e que ao despois se casou-se,
e a muié deu de canella ?!

Coisa de musga e de verso
pras muié não tem sentido!
A Lua qué uma estrella
e a muié qué um vestido!
Váíncê não dê nada disso,
e leve fazendo verso,
que tudo é tempo perdido!

Maginando nestas coisa,
tive sempe um pensamento:
— eu penso que o Só e o Má
devia sê cumo o Vento.

O Vento é um fecha-bodéga,
que a gente sente na gente,
mas não se vê, nem se pega!

E pra falá cum crarêza,
eu lhe digo cum franqueza
que o Vento é meu irmão gemeo!
E' cumo lá diz o outro:
um vagabundo, um bohemio!

Elle anda de noite e dia
passeando pulas cidade,
vadiando pulos vargado,
no meio das mataria.

Assopra e faz rí as agua
das lagôa e dos regato.
Quando avôa, de mansinho,
vae, de mansinho, brincando
cum as fôia verde dos matto.

Se pássa pul'um jardim,
entra, e méxe c'uma rosa!...
Bêja a fulô mais chêrosa!
Roda em redó d'um jasmim!

Vira depois jardinêro!
Vae de cantêro em cantêro!
E sâe chêrando a alecrim!!

Se tá molengo e cansado,
vae-se 'deitá, refrescado,
na rede dos arvoredos!
Dróme e sonha, praque o Vento
sabe de munto segredo!
Acorda de minhã cedo,
se de noite não ventou!
E acorda ainda chêroso,
apois quanta sáia nova
e quanto vestido novo
o Vento não levantou!!

Se tá fazendo calô,
toma banho nas lagôa,
e vae avoando, atôa,
varando os matto orvaiado,
e outras vez, dizimbestado,

n'uma dizimbestação,
rancando as fôia das árve,
que fica, de pé, chorando,
vendo ás fôia, em disparada,
rolando pulas estrada,
pulas arêa do chão!

O Vento qué liberdade!
Qué vivê sempe á vontade!
Não tem tempo, não tem hora!
Quando elle qué, elle apára,
quando não qué, vae-se embora!
Elle mora em toda parte,
mas ninguem sabe onde mora.

Não é só cum os innocente
que o Vento se azanga e isturra!
Quando o Má vira valente,
e qué jogá capoêra,
elle dá-lhe cada surra,
que não é de brincadêra!

Mas, quando o Vento se damna,
hôme, Terra, Só e Má,
tudo estremece, pensando
que o mundo vae-se acabá!!

Os hôme tem munta prosa,
mas quando o Vento truveja
e cumeça a istoncerá,
os hôme fica tremendo,
cumo as agua do riacho,
quando o Vento vae fazendo
as agua se arripiá!

Tem dia que a gente pensa
que o Vento tá xumbregado,
ou, entonce, indoideceu!
E o Vento, quando se atreita,
o Vento só arrespeita
Deus e São Bartholomeu!

Seu doutô, eu não lhe juro,
pruque nunca fui judeu!
Mas porem, ás vez, o Vento
fica tão manso e mimoso,
e -(com perdão da palavra)....
tão fresco ę tão não-sei-quê,
que a gente fica pensando,
fica banzando e mardando
que o vento ansim, tão dengoso,
vira muiê... e outra coisa
que eu não lhe devo dizê!!!!!!...

Mas vasmincê me discurpe
esta minha falação,
pruque o vento é sempe o Vento,
— sêje brisa ou furacão!

Cumo farrista, é vuluve!
Quando não qué tá no baxo,
vae pô céo, brincá cum as nuve!

Faz d'uma nuve um brinquedo,
um carnerinho, um gatinho,
um bicho que mette medo,
prá despois dismanchá tudo,
e fazê outros brinquêdo!

O cabra é inguinorante,
não sabe lê, mas faz coisa
que ninguem nunca pensou!

Quando elle garra uma nuve
e faz cum a nuve as image
que os artista faz no mármo,
o Vento vira iscurtô!

Pintando, cumo elle pinta,
cum a cô de todas as tinta
do Só, nascendo ou morrendo,
O Vento vira pintô!

De pintô vira poeta,
e prô Vento sê poeta,

abasta que o vento veja
um jardim cheio de frô!

E quando, entonce, arreméxe
nos matagá rebolêro,
na corôa dos coquêro,
nas fôia dos bambuêro,
nas árve dos çumitéro,
nos cypreste gemedô,
elle canta e toca musga,
pruque é musgo e cantadô!

Faz tudo que elle deseja!
O vento inté toca sino,
e reza, quando elle passa
de noite, pul'uma ingreja!

Mas porem, o vagabundo
só qué vivê prá gozá!

O vento não qué cazá!

Vendo a frô, chóra, namora,
bêja, abraça e às vez disfróra,
mas dêxa a frô no lugá,
pruque elle sabe que ainda
tem munta frô que bêjá!

O Vento sabe que é macho,
e o macho é mais do que a fême,
e eu vou já dizê pruque é : —
toda muié qué sê hôme,
mas eu nunca vi um hôme
que quizesse sê muié!

E quando um hôme deseja
sê muié, já não é hôme ! . . .

E' hôme perequêté . . .

Neste ponto, o poeta sertanejo, notando que o auditorio feminino estava visivelmente "carregado", e receando uma tremenda vaia, olhou para a Lua, ficou alguns momentos pensativo e, levantando-se, como tocado por uma vara mágica, recomeçou, com emphase, a sua interrompida improvisação.

Mas, Seu doutô, este mundo
foi munto bem maginado!

Quando Deus fez estas coisa,
ja fez de caso pensado!

Vasmincê disse uma coisa
que eu fiquei impressionado!

Deus não qué que o Só se case,
não qué vê o Só casado!

Qué vê o Só padecendo
e a Lua sempe trazendo
o Só de canto chorado!

E agora eu tombem lhe digo
que eu já tô indignado
de dizê tanta mardade!

Se a muié faz certas coisa,
não é pru sua vontade!

Nós sabêmo que ella é boa!
Tudo quanto é catimbôa
que os hôme diz, de ruindade,
as pobrezinha perdôa!

Essa históra da lagôa,
Seu doutô, não é verdade!

O hôme é que se atreição!

Apois, se o hôme ispiasse
somentes n'uma lagôa,
e junto della ficasse
dia e noite, noite e dia,
de sentinella e de ispia,
a cara do discardo
nunca mais de lá sahia!

Mas em todas as lagôa
de agua limpa ou chavascá,
o hôme qué vê a cara!
O hôme qué ispiá!
E vasmincê bem me entende
adonde eu quero chegá!

Eu falei daquellas mancha
da Lua, cumo se fosse
uma coisa munto feia
de não se podê falá!

Mas poreu a minha lingua
é que tá cheia de mancha,
pra manchá, pra imporcaíá!

Aquellas mancha nevuenta
que ella tem dento da cara,
não é nada de cabórge!

E' um Santo munto falado,
que tá lá dento da Lua,
no seu cavallo amuntado,
e o Santo chama — São Jorge!

* *

Se a carapuça lhe serve,
Seu doutô não arrepare,
pruque a gente diz as coisa,
quando as coisa é naturá!

O hôme é um gallo que pensa,
irmão do gallo de penna,
do gallo irracioná!

E' taliquá! Taliquá!

O gallo tá no terrêro!
Elle tá no seu quintá!
O diabo tá cum as gallinha,
cum as franga mais bonitinha
que vasmincê maginá!

Se passá uma gallinha
no terrêro da visinha,
vasmincê logo verá
o raio do iscumungado
dispará, cumo um damnado,
atraz da gallinha choca,
piôienta e rabujenta,
que inté tá chêrando má!!

E nem ao mênô arrespeita
uma mãe que vae criá!

* *

Inda ha pouco, a babujá,
eu disse que o hôme macho
vale mais que a muié fême!
Mas não é! Eu vou porvá!

Nosso Sinhô Jesú Christo
quando quiz se humanizá,
não pensou em hôme macho,

e nem podia pensá!

Mas quiz tê mãe e mãe virge,
pras muié santificá!,

Naceu em noite de lua,
cumo a vóvó me dizia,
quando contava as históra
na vespra do seu Natá.

Sim! Jesus naceu de noite,
mas poreu morreu de dia!
E quando Jesus morria,
o Só, patrão, se iscundia,
cum vregonha de se hôme,
cum vregonha de sê macho,
cumo o Juda, que, afiná,
se inforcou numa figuêra,
pruque vendeu Jesú Christo
pros hôme crucificá!

Seu moço, eu tenho sobrôço,
tenho medo de peccá!!

Mas, pra mim, o Só podia
cantá noutra freguezia
e nunca mais cá vortá!!

Pra que serve o Só de dia ?!!

E' pra nós se amofiná !!
Ánte fosse sempe noite,
mas uma noite de lua,
pra nunca mais se acabá!!

Meu patrão: o Só e o Má
tem de tá sempe a pená,
vivendo nesse turmento,
pruque é sorte, é sina sua!!

Eu queria sê o Vento,
mas porem, ánte eu queria
sê muié, se eu fosse a Lua!

A Lua é mãe da Sôdade,
cumo disse Seu doutô!

A Lua tudo consola!
A Lua é cumo a viola,
que é o insturmento do Amô!

Se a Lua, patrão, se a Lua
tem tanta, tantas estrella,
que nem póde sê contada,
é praque Deus viu que a Lua,
sendo muié, deve sempe
andá no céu enfeitada.

Quando eu vou tocá n'um samba,
vou discarso, na embolada!
Vou cum a roupa arremendada,
praque de chêro e de enfeite
os hôme não nicissita!

Mas poreu, minha viola
vae sempe nova e bonita!
Não vãe crivada de estrella,
mas vae crivada de fita!

Patrão, se as muié se enfeita,
não é pru via dos hôme!

E' só pra fazê pirraça
pras outra, que se consome!

Apois, mostrando umas fita,
não ha caboca bonita
que vendo as fita, não cáia!

Apois se eu levo pras festa
minha violinha enfeitada,
é só pra fazê ciumada
nas viola que veste sáia!

Vou cum a roupa isfarrapada,
mas levo as fita e os enfeite
cá dento do coração!

O coração tá nos dedo,
que faz a improvisação!

Mas porem, o pinho, a viola,
que geme e canta cum a gente,
sendo a nossa namorada,

acompanhando a canção,
deve andá sempe enfeitada,
pruque é muié, meu patrão!

Quem foi esse mafião
que disse um dia, patrão,
que a Lua no céu não sente,
quando as cabôca innocente,
chêrando a fogo queimado,
piza o coração da gente,
sapateando um baião ?!

Quem foi que disse, patrão ?!

Serra Verde, Zé Pinhão,
Bêra d'Agua, Bacuráo,
Zé Pelado, João Mingáo,
Mané Três Pote, Azulão,
o Chico Orêia de Páo,
e mais esse Seu Bitôve,

esse musgo de valô,
cantáro sempe pra Lua,
que foi sempe a cumpanhêra
desses grande tocadô!

Apois, quando a Lua escuta
uma viola acagibada,
fica no céu aparada,
fica besta, fica inxúa,
cumo a onça, oiando a Lua,
cumo disse o Seu doutô!

A Lua tem sentimento
e é feita toda de amô!

Ella não é cumo o vento,
que qué sê sinhô das pranta,
e qué ficá cum o dereito
de disfoiá toda frô!

Não é tombem cumo o Rio,
que, cum uma parte de sonso,

é máo, é farso e treidô!
Não é tombem cumo o Só,
que mata as pranta viçosa,
que a Terra, a mãe carinhosa,
cum tanto mimo criou!

Não é tombem cumo o Má,
que, sendo da mêmra laia,
qué sê o dono das praia,
que ameaça com furô!

Ella é boa, cumo a Terra,
que gosta tanto do Só,
mas elle não gosta della,
pruque a Terra não é bella,
cumo a Lua, não, sinhô!

Se o Só lhe dá luz de dia,
não é lá pruque elle quêra!
E' pruque Deus ordenou.

Mas o pió do berrêro
é que o hôme arrizinguêro

qué vencê o mundo intêro,
e qué de tudo dá cabo!
Mas eu tenho pena delle,
que o hôme é um pobre diabo!

Pra que tanto ispiloncá,
se a muié, garrando nelle,
faz cum elle a mêmra coisa
que o gato faz cum o ratinho,
atirando o pobrezinho
d'aqui, pra alli, pra acolá,
inté matá o bichinho
de fazê tanto carinho,
e tanto e tanto brincá!!

E aqui lhe digo um segredo,
pras muié não me escutá.
A's vez, eu fico a pensá
que se a Lua se casasse

cum o Só, e se assujeitasse
a dexá de sê rainha,
pra depois se iscravizá,
no fim de duas sumana,
o Só se divorciava,
a Lua se avacaiava,
e quando a Lua quizesse
fazê conchavo cum o Má,
o Má, que é cabra escovado,
já não tando apaxonado,
intrasse a fazê prépósta
pra Lua vivê cum elle,
inté que o Só fallecesse,
e ambos os dois se casá!

Patrão, quando eu fico triste,
eu penso que Deus existe,
e havendo Deus, eu tôu certo
que Elle paga o bem cum o bem!

Apois, cumo diz o outro,
Deus é a mais grande riqueza,
mas é a mais grande pobreza,
pruque dá tudo que tem!

Deus fez o mundo ansim mêrmo!
Emquanto um triste vae indo,
outro alegre vem chegando!
O pobre véve curtindo!
O rico véve gosando!
Váíncê vêje a natureza:
a prantação tá se rindo,
quando a chuva tá chorando!

Mas poreu, se no outro mundo
não tem muié, nem tem Lua,
nem viôla, nem violêro,
nem noite, pra se cantá,
vou pedí pro meu covêro
dexá dois buraco aberto,

na cova que me interrá,
pra de noite, á toda hora,
botá minhas mão de fóra,
e alegrá o çumitéro,
tocando a minha viola
toda a noite de luá !!

E pra tudo triminá,
vasmincê vae dá licença
pra mim cantá na viola
umas trova de istruvio
que eu cantei n'um desafio
cum o Manduca Sabiá,
n'uma noite de São Pedro,
xaquaiando uma caboca,
n'uma festa do Arraiá!

« Nosso Sinhô quando andava
« pulos deserto, a rezar,
« gostava de uví São Pedro
« na viola puntiá!

« São Pedro diz que a viola
« foi feita, n'um desafio,
« da canôa em que elle andava
« cum Christo, a pescá no rio!

« Não foi feita da canôa,
« mas porem, da sua cruz!
« A viola ainda soffre
« tudo o que soffreu Jesus!

« Quando Deus fez a viola
« e cumeçou a cantá,
« a violá gemia tanto,
« que Deus se-poz-se a chorá!

« Deus é o Rei dos violêro,
« quando canta o seu amô,
« nas corda santa da lua,
« que é a viola do Sinhô! »

*

E agora, patrão, agora,
que a Lua vem apontando,
e o gallo já tá cantando
seu canto de alamiré,
eu vou afiná meu pinho
pula cantiga do gallo,
e vou-me embora cum a Lua,
pruque outra Lua me espera
na porta do meu mucambo,
na minha véia tapéra,
— a Rita do Macujé!

Mas uma coisa eu lhe juro,
e juro pru minha fé: —
póde a muié, póde a Lua
sê tudo que os hôme quêra,
tudo que os hôme quizé!

Sempe a Lua ha de sê Lua!
E a muié, sempe a muié!

*

Depois dos ultimos applausos, coroando o final do poema sertanejo, o violeiro, a pedido geral, cantou o "Luar do Sertão", acompanhado por todo o auditorio, que inundava o amplo terreiro da Fazenda. E assim terminou a festa daquella noite memoravel, que ficou sendo chamada em todo o sertão — A noite do Sol e da Lua.

